

A identificação dos fatores de risco na criança, na família ou outros, o seu impacto na saúde mental das crianças e a procura e desenvolvimento de estratégias de intervenção que ajudem a restabelecer dinâmicas relacionais e percursos desenvolvimentais mais saudáveis é uma das linhas orientadoras dos clínicos prestadores de cuidados de saúde mental infantil e juvenil.

Este número da Revista contém dois artigos que têm por foco as relações precoces, e a importância da avaliação e identificação de perturbações na relação cuidadores/bebé. Partindo de um caso clínico complexo B. Almeida, M. Marques e G. Dias ajudam-nos a refletir sobre a psicoterapia mãe-bebé e a perceber como uma intervenção psicodinâmica focada na díade mãe-bebé pode, quando as dificuldades relacionais são precocemente identificadas, alterar a situação e criar condições mais favoráveis ao desenvolvimento e bem estar sócio-emocional da criança. As mudanças, em resultado da intervenção terapêutica, ocorrem a vários níveis e devem ser procuradas ao nível do cuidador, ao nível da criança e ao nível da relação cuidador/criança. Em “Bem me quer, Mal me quer... Perturbação da Relação Cuidador-Criança” temos acesso a resultados preliminares de estudo que está a ser realizado na Unidade de Primeira Infância do Hospital de D. Estefânia e que realça a importância da identificação sistemática de perturbações a nível da relação cuidador-criança (Eixo II da Classificação DC 0-3R) como facilitador de intervenção precoce na díade e de identificação de psicopatologia materna. Os dados preliminares apontaram para a existência de associação entre perturbação de relação e psicopatologia materna.

Compreender a relação gemelar, a relação entre irmãos e a rivalidade fraterna partindo dos sentimentos de inveja e de ciúme e da noção de complexo fraterno e do seu papel no desenvolvimento da identidade do sujeito e da construção de sua individualidade e desenhar uma intervenção terapêutica em que o referencial teórico psicanalítico e sistémico se conjugam foi a proposta da equipa de

pedopsiquiatria coordenada por Pedro Pires. A vinheta clínica ajuda a clarificar os conceitos e fundamenta a proposta terapêutica.

A situação das crianças refugiadas e a abordagem de casos na consulta de Pedopsiquiatria será objeto de reflexão da equipa de João Beirão, do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central que considerará ainda os princípios e normas orientadoras da ESCAP relativos a esta adversidade. Adoptam uma perspectiva psicodinâmica para compreender a história clínica de um rapaz de 9 anos, natural da África Ocidental, referenciado pela escola à consulta de Pedopsiquiatria. Os aspetos transculturais e as condições de precariedade inerentes à situação de migração forçada, bem como o seu impacto na saúde mental das crianças vítimas, são da maior atualidade neste mundo em que vivemos e são também objeto de reflexão.

Caracterizar a população de crianças e jovens com menos de 18 anos que recorre à Unidade de Atendimento Urgente de Pedopsiquiatria do Centro Materno Infantil do Norte (CMIN) e comparar com os dados de estudos relativos à realidade portuguesa publicados foi o objetivo de Otilia Queirós e colaboradoras. As autoras constataam um aumento do número de episódios, feito sobretudo à custa da população adolescente e das perturbações de ansiedade. Apesar do aumento no nº de episódios de urgência, é observada uma diminuição dos internamentos, o que conduz à inferência de que o aumento não se terá feito à custa das situações de maior gravidade.

A finalizar este número apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o colapso pós-natal súbito e inesperado. Trata-se de uma situação rara e ainda mal compreendida, mas que culmina frequentemente na morte ou sequelas graves dos recém-nascidos que sobrevivem. Pela gravidade e dificuldade em encontrar causalidades tem forte impacto emocional na família e na equipa de profissionais de saúde envolvidos. O aumento do número de casos registados em anos recentes e a associação que tem sido feito com o contacto pele a pele precoce e a situação de amamentação ao seio deve ser objeto de estudo e reflexão mais aprofundada pois não podemos arriscar a “deitar fora o bebé com a água do banho”.

*Paula Pinto de Freitas*